



Ricardo Cesar Fabricio

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS SEXUALIDADES EM REDES
SOCIAIS: ENTRE COMENTÁRIOS, CURTIDAS E CUTUCADAS

Campinas
2015



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Ricardo Cesar Fabricio

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS SEXUALIDADES EM REDES SOCIAIS: ENTRE
COMENTÁRIOS, CURTIDAS E CUTUCADAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação como um dos requisitos para conclusão da graduação de licenciatura em pedagogia.

Orientadora: Ângela Fátima Soligo

Campinas
2015

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

F114r

Fabricio, Ricardo Cesar, 1983-
Representações sociais das sexualidades em redes sociais:
entre comentários, curtidas e cutucadas / Ricardo Cesar
Fabricio. – Campinas, SP: [s.n.], 2014.

Orientador: Ângela Fátima Soligo.
Coorientador: Ronaldo Alexandrino
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Representações sociais. 2. Sexualidade. 3.
Subjetividade. I. Soligo, Ângela Fátima, 1956- II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.
III. Título.

15-027-BFE

Resumo

Este trabalho busca compreender a construção das sexualidades pela teoria das representações sociais, com o propósito de identificar representações sociais dos jovens, sobre a realidade atual e a vivência da sexualidade nessa realidade, manifestadas em redes sociais. Para isso, foram analisadas manifestações espontâneas de um grupo universitário na rede social Facebook, observando as construções de suas subjetividades, refletindo sobre a educação e construção do sujeito a partir de uma relação dialética com o mundo. A psicologia social, amparada na teoria de Serge Moscovici, nos guia a pensar sobre os direitos subjetivos que tocam as pessoas nas suas constituições como indivíduos, e ao unirmos a aprendizagem ao social colaboramos para o debate dos processos de formação de condutas, produção e reprodução de subjetividades e de grupos sobre fenômenos. O exame das representações do grupo revelam que estes tendem a ordenarem suas sexualidades com padrões heteronormativos, porém durante a construção de suas subjetividades com o convívio no grupo analisado há a edificação, avanço e reforço da própria identidade de grupo.

Palavras-chave: Representação social. Sexualidades. Direitos subjetivos. Construção de subjetividades.

Sumário

Agradecimentos	xi
Lista de Figuras	xv
1 Introdução Geral	1
2 A Teoria das representações Sociais e suas Implicações para o Estudo das Sexualidades	6
3 Método	12
4 Resultados	14
5 Considerações Finais	43
Bibliografia	47

DEDICO ESTE TRABALHO A TODAS
AS FORMAS DE SER E DE AMAR.

Agradecimentos

Como agradecer um grupo que eu tenho que manter no anonimato??? ... Isso faz escrever este agradecimento muito injusto e difícil... Enfim... muito obrigado!!!

Agradeço a minha orientadora Prof^a Ângela Soligo pela ajuda, amizade, acolhimento e incentivo para concretizar meus devaneios.

Agradeço ao Ronaldo Alexandrino, pela ajuda e principalmente pelo seu mestrado, que me motivou a iniciar este trabalho.

A minha família que embora não entenda minhas escolhas, faz o possível para respeitá-las.

Agradeço aos meus amigos Gabee, Gustavo, Bia e Aline, que além de iluminarem minha vida nas escolhas importantes, me iluminaram nos caminhos acadêmicos.

Agradeço aos meus amigos Gabee, Anderson, Hugo, Gustavo, Bia, Vivian, Alexandre, Thalita, Bel, Amanda, Keny, Aline, Aline, Diego, Gabriel, Maurício, Luiz, Mariana, Carol, pelas discussões sobre minorias (todas elas).

Agradeço a todos os amigos que passaram pela minha vida durante as graduações na UNICAMP, direta ou indiretamente, vocês participaram da conclusão deste trabalho.

Agradeço ao CNPQ pelo financiamento na iniciação científica.

Agradeço a toda comunidade da Faculdade de Educação e da UNICAMP Graças a vocês eu sou a pessoa que sou hoje! Muito Obrigado!!!

*O progresso, como o andar, consegue-se perdendo
e ganhando equilíbrio.*

Freud

Lista de Figuras

1.1	Cartum de Laerte (COUTINHO, 2013)	2
2.1	Comédia MTV, Escola de Gays (2012)	7
5.1	Comédia MTV, O lado bom de ser gay (2012)	43

Introdução Geral



Figura 1.1: Cartum de Laerte (COUTINHO, 2013).

Esta charge da cartunista¹ Laerte Coutinho, foi em resposta a tentativa de piada do humorista e apresentador Danilo Gentili no Twitter², sobre os dados do relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) sobre o número de LGBT³ (336) assassinados em 2012 no Brasil, que representa um aumento de 177% nos últimos sete anos (PARADA, 2013).

No Twitter, Gentili fez o seguinte postagem: “1 gay é morto a cada 26 h? 140 héteros são mortos a cada 24 h. Alguém aí come meu c# hj? Só por segurança.” O que repercutiu em comentários em todo o Brasil e uma resposta muito comentada veio do deputado federal militante LGBT Jean Wyllis que mandou a resposta direta: “Viram que ‘pérola’? E me dói imaginar que corações e mentes de muitos jovens estão entregues apenas a esses ‘papas’ do humor no Brasil...” (PARADA, 2013).

Gentili, além de fazer uma leitura equivocada e com descaso para a estatística, fez uma apologia a uma violência – o estupro. O assassinato de LGBT a que o GGB se refere são crimes cometidos exclusivamente em função da orientação sexual da vítima, ou seja, elas foram assassinadas por serem LGBT. Claro que os LGBT também tiveram outras causas de mortes, porém esses 336 foram assassinatos motivados por ódio de orientação sexual e de gênero.

O antropólogo Luiz Mott, fundador do GGB, e coordenador da pesquisa, ressalta que em apenas 89 casos, dos 336, o autor do homicídio foi identificado – e apenas 24 deles foram presos. “No Brasil, a sociedade, a polícia e até juízes transformam a vítima em réu. Homossexual é associado a marginal”, continua o ativista, e afirma que, para mudar essa realidade, seria fundamental a aprovação do projeto Escola Sem Homofobia, que visa educar os jovens cidadãos para o respeito à diversidade sexual, e aprovar o PL 122, que equipara homofobia ao racismo (O GLOBO, 2013).

Qual foi a diferença na educação de Laerte, Jean, Gentili, Luis Mott, e agressores que assassinam pessoas, que resultou em seres que pensam e agem completamente diferentes? A diversidade sexual para a maioria dos projetos pedagógicos encontra-se barrada pelos portões das escolas e no contexto familiar ainda encontra-se como um tabu a ser pouco falado diretamente. Se a sexualidade não é tratada nas escolas e pouco discutida no ambiente familiar, como os sujeitos aprendem sobre ela? Fora dos ambientes escolares e familiares. E nesta pesquisa coletei amostras do que os sujeitos têm aprendido sobre sexualidade, suas e dos outros.

Se falar sobre a sexualidade for um tabu para a escola e a família, o que e aprendemos sobre as nossas sexualidades ao longo de nossas trajetórias? Por que estudar a sexualidade? O que os jovens pensam das sexualidades? Estas são apenas algumas questões que me motivaram a iniciar esta pesquisa durante o curso de pedagogia. A educação e o desenvolvimento humano são objeto de estudo da pedagogia e a finalidade da educação é transmitir os saberes historicamente acumulados pela humanidade. Sendo assim, como o sujeito constrói seu entendimento sobre as sexualidades? Como o sujeito constrói sua

¹Laerte disse pessoalmente, em agosto de 2014 num encontro promovido no PAGU (O Núcleo de Estudos de Gênero - UNICAMP), que não se importa com o gênero ao qual é referido, porém prefere ser tratada no gênero feminino.

²Twitter - é uma rede social e um servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres, conhecidos como “tweets”.

³Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros. Embora refira apenas seis, é utilizado para identificar todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de gênero.

subjetividade com uma relação dialética com o mundo?

A escola deveria estar ligada a vida, inclusive como espaço de debate de temas delicados e polêmicos, dentre eles a orientação sexual e de gênero. Ao não se apropriar de também discutir este assunto juntamente com a tolerância e respeito a diversidade, deixa-se aberto aos jovens aprender somente em outros espaços sobre a diversidade sexual, e muitas vezes sem uma orientação apropriada.

Trazer para a discussão as sexualidades diversas envolve questões como a intolerância, a agressividade, a violência, a falta de habilidade para resolver conflitos, a dificuldade no reconhecimento da alteridade e a danoção religiosa; estes que são alguns dos principais desafios do cotidiano escolar.

Nesta pesquisa trabalhei com representações sociais das sexualidades no Facebook⁴. Seu subtítulo: entre comentários, curtidas⁵ e cutucadas⁶, baseia-se no objeto de análise, que são as ações rotineiras na rede social. Assim, esta pesquisa direcionou-se a conhecer as configurações sociais das sexualidades, na perspectiva do próprio jovem, ou seja, a ótica da juventude sobre a própria. E caminhou na área da psicologia da educação, com recorte da teoria de representação social.

Para a realização deste trabalho, optou-se por conhecer as representações sociais de sujeitos sobre as sexualidades, por meio de manifestações espontâneas que os jovens expressam suas visões e ideias no Facebook. Foram identificadas e analisadas representações sociais expressas por um grupo auto-denominado LGBT, encontrado no Facebook. Além de múltiplas ferramentas e funções, os usuários podem participar de grupos e interagir com outros usuários, como por exemplo: os familiares, os amigos do trabalho, os colegas da universidade, os companheiros do partido político, ou a um grupo de identidade (neste caso, o grupo LGBT).

Foi analisado um grupo específico, criado por estudantes da UNICAMP, que se constitui como um grupo secreto, ou seja, invisível para os olhos do sistema de busca do Facebook e do Google, com a intenção de aproximar o grupo LGBT da universidade, onde só é possível entrar quando convidado por um membro. Vale lembrar que qualquer convidado pode entrar no grupo, sendo assim o grupo rompe com as fronteiras da universidade e também com as fronteiras das letrinhas LGBT, ou seja, pode haver heterossexuais simpatizantes interessados em fazer parte do grupo e acompanhar e debater assuntos de interesse em comum com o grupo. Certa vez durante uma discussão o criador do grupo respondeu um pedido de intervenção com a resposta: “dentro deste grupo vocês estão condenados a uma ausência de governo, beijos” (Criador do grupo⁷).

Como base para análise tomo a Teoria de Representações Sociais de Moscovici (apud GRANDIN, 2008), que acredita que o domínio da cultura se dá a partir da relação com o outro, ou seja, da interação social.

⁴Facebook é um website gratuito de rede social lançado em 2004 que hoje conta com a participação de 35 milhões brasileiros. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/numero-de-usuarios-brasileiros-no-facebook-cresce-298-em-2011.html>

⁵Ato de aprovar e conectar-se a alguém ou alguma coisa no Facebook.

⁶Não há uma clara interpretação para este recurso no Facebook, porém convencionou-se que cutucar alguém é flertar ou demonstrar interesse sexual/afetivo pela pessoa. Os utilizadores deste recurso esperam receber uma cutucada como retorno...

⁷Por opção metodológica as identidades dos sujeitos serão ocultadas, utilizando-se nomes fictícios.

O trabalho analítico objetivou interrogar as manifestações espontâneas em redes sociais planejando identificar as representações de sexualidade na perspectiva do próprio jovem, buscando compreender como este expressa sua visão de mundo, sua condição e identidade assumida, suas perspectivas e entraves.

O levantamento das manifestações iniciou-se juntamente com o nascimento do projeto de iniciação científica, através de meu contato com o grupo escolhido para a pesquisa, de manifestações de amigos virtuais, e alguns que fazem parte da minha vida cotidiana. O texto deste trabalho de conclusão está dividido por esta introdução, seguido da teoria utilizada, a metodologia da pesquisa, os resultados e as considerações finais.

Capítulo 2

A Teoria das representações Sociais e suas Implicações para o Estudo das Sexualidades



(a) Professor: *Alguma outra dúvida?*



(b) Aluno: *Professor, como se diz: abre a cerveja que o jogo vai começar em bichês?*



(c) Professor: *Essa frase não tem em bichês, querido!*

Figura 2.1: Comédia MTV, Escola de Gays (2012)

Este é um recorte de um quadro que foi ao ar chamado “Escola de Gays – Comédia MTV”¹, no ano de 2012. Mas o que representa assistir um jogo de futebol na atualidade brasileira? Por que não se espera que um gay diga que vai tomar cerveja e assistir um jogo? Porque estas práticas não estão associadas a homossexuais? Porque não os representa? De onde vem o humor por trás do quadro? Para discutir a homossexualidade e as sexualidades busco nas representações sociais um aporte teórico.

Ao elaborar a teoria de representação social, o romeno radicado na França, Serge Moscovici (MOSCOVICI apud GRANDIN, 2008, p. 45), derivou-a do conceito de representações coletivas de émile Durkheim. Para Durkheim (GRANDIN, 2008), as representações coletivas exercem coerção sobre os indivíduos e a sociedade, e sendo assim, a individualidade humana se constitui a partir da sociedade e da coletividade. Entretanto este conceito tratava de explicar os fenômenos sociais que ocorriam em sociedades e épocas em que as mudanças e as inovações ocorriam lentamente, assim, a representação coletiva era um conceito estático, cujo objetivo era saber como as sociedades se estabeleciam e se mantinham.

Para as sociedades e tempos modernos, que são dinâmicas, as representações propagam-se rapidamente por toda a população, desta forma as representações sociais se constituem num fenômeno também dinâmico, cuja preocupação é pensar como se dá a transformação na sociedade. O autor romeno acredita que o indivíduo tem papel ativo e autônomo no processo de criação na sociedade, e o problema específico da Psicologia Social é “o estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em prática – numa palavra, o poder das idéias...” (DUVEEN apud GRANDIN, 2008, p.46).

Moscovici parte de uma relação dialética do sujeito com o mundo; o sujeito se constitui a partir da sociedade, mas é ativo nesta relação, faz uma síntese singular dos acontecimentos, conferindo sentido à experiência. As representações sociais são uma produção e reprodução do indivíduo e do grupo sobre um determinado fenômeno, no qual a passividade não é dominante, elas são somadas ao processo dinâmico indivíduo-meio, meio-indivíduo.

Segundo a definição clássica apresentada por Jodolet (1985), as representações sociais:

modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos – imagens, conceitos, categorias, teorias –, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação (JODELET apud SPINK, 1993).

No universo do senso comum, este que é herança do grupo social, aqueles que se inserem nesta cultura e sociedade partilham ideias e interpretações de mundo. Podemos afirmar, então, que essas explicações e afirmações, que constituem a teoria das representações

¹Bichês (ou pajubá) - é um dialeto construído de palavras de dialetos africanos misturadas com palavras em português, usado inicialmente em terreiros de candomblé e por travestis, que populariza aos LGBT.

sociais, podem ser consideradas como teorias do senso comum, das ciências produzidas coletivamente. Moscovici (MOSCOVICI apud GRANDIN, 2008, p. 50) acredita que o senso comum não deve ser tratado como um conhecimento inferior, mas sim como um importante fator entre ciência e ideologia.

Para o autor romeno, os indivíduos e grupos não estão sempre, e nem completamente, sob o domínio ideológico de organizações dominantes (Estado, Igreja, Escola). Os indivíduos ou grupos não são receptores passivos, mas importantes participantes de uma sociedade pensante, em que o pensamento social é constantemente reavaliado na busca de soluções para problemas. O autor também acrescenta a diferença básica na função das representações sociais e ideologia: a segunda tem como meta justificar os atos de um grupo social; já a representação social “contribui exclusivamente para os processos de formação de condutas das comunicações sociais.” (MOSCOVICI apud GRANDIN, 2008, p.46). As representações sociais envolvem um processo subjetivo: o sujeito é quem atribui significados aos elementos culturais e ideológicos e os transforma em algo pertencente a ele, enquanto que a ideologia envolve a transmissão desses significados, atrelados às relações de poder.

Diante de algo novo o sujeito se encontra numa condição “desequilibradora”. Para equilibrar novamente e reduzir a tensão que isso provoca, é necessário um processo de internalização do estranho em familiar, e “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (MOSCOVICI apud GRANDIN, 2008). A transformação do desconhecido em familiar se dá através de processos de objetivação e ancoragem. Objetivar nossas idéias, através da criação de imagens, nos permite materializar aquilo que pensamos, possibilita o controle sobre a nossa realidade. Ancorar pressupõe a classificação de objetos e idéias, por meio da construção de categorias que nos permitem interpretar nossa realidade e desenvolver opiniões sobre coisas, idéias e pessoas. Desse modo, trazemos objetos e situações, com os quais entramos em contato para o nosso mundo particular.

Podemos dizer que a Teoria das Representações Sociais tem como elementos essenciais a inovação e o dinamismo, na medida em que transformam teorias científicas, conceitos já estabelecidos, objetos, em novos conteúdos. Ela nos permite compreender, portanto, a construção social da realidade unindo dimensões cognitivas e sociais. A formação das representações sociais a partir da realidade cotidiana dos indivíduos e grupos sociais deixa claro que elas são elaboradas coletivamente e tratadas como conhecimento pela sociedade. Nesta perspectiva, o conhecimento da realidade é sempre mediado, não é direto. Uma representação não serve somente para guiar o comportamento, também funciona como meio para a organização do contexto no qual tal comportamento se dá.

O domínio da cultura se dá a partir da relação com o outro, ou seja, da interação social. Entender a interação social, portanto, seria um meio para compreender como ocorreria o processo de desenvolvimento humano, isto é, como cada sujeito se constituindo a partir do domínio do que foi socialmente construído.

As representações sociais constituem-se em uma forma de pensamento social, cuja origem, funções e características estão intimamente relacionadas aos processos que afetam o cotidiano de

um grupo, tanto quanto como ele vive e se comunica, bem como com os mecanismos que determinam a constituição das identidades e peculiaridades de cada um de seus membros – tudo o que garanta o estabelecimento das interações e manutenção deste grupo” (JODELET apud NUNES, 2010, p. 50 e 51).

Desta forma, as representações sociais são construídas através da cultura, servem para descrição e explicação do conhecimento social construído e difundido, para guiar o comportamento, e como meio para a organização do contexto no qual o comportamento se dá. De acordo com essa teoria analisamos que Laerte, Gentili, Jean Willis e as pessoas que assassinam os LGBT, são produzidos pelas representações sociais e as reproduzem, e o que foi convencionado ser a diversidade sexual ou a não heterossexualidade para todas elas carrega significados distintos, e construídos historicamente.

A homossexualidade, vou me atentar somente a ela neste momento, percorreu por diferentes representações, práticas, e expectativas, na história da civilização ocidental. A organização da sociedade passou por muitas transformações e as formas de se relacionar também, com regras e sanções para os que desviassem das normas.

Segundo Alexandrino (2009), na Grécia antiga os homens podiam relacionar-se sexualmente com um tom de amizade de guerreiros, ou também numa ordem de homens mais velhos ensinarem as tradições da cultura grega aos homens mais novos passivamente. Eram repugnados os homens que ousassem a travestir-se de mulher, e o sexo/amor entre mulheres era reprovado, pois é como se elas transgredissem o lugar da mulher.

Na sociedade romana não se preocupava com as preferências sexuais, porém valorizava a virilidade e menosprezava aqueles que não demonstrassem virilidade pelo traje, pela pronuncia, por gestos, pelo andar e etc. Essa sociedade se organizava de maneira que o sexo com os escravos era permitido, e a regra era de que se sente prazer quando se é livre e dá-se prazer quando se serve. Outra particularidade é em relação ao sexo oral que não era bem visto, pois é uma prática que se abaixa perante ao outro, e que rebaixava um cidadão romano, colocando-o em uma posição de inferioridade.

Com o cristianismo e uma outra organização da sociedade ocidental, o sexo passou a ser entendido como pecado e a extinção do desejo passou a ser a preocupação, inclusive a masturbação foi vítima de perseguição. A relação sexual passou a ser para somente com o objetivo de controle da população e manutenção poder da igreja.

Assim na Grécia e em Roma regravam a sexualidade, porém com o império do cristianismo houve uma preocupação com a exclusão das possibilidades de sexualidades. A medicina no renascimento trouxe a patologização da diversidade sexual. Enquanto na Grécia se denotava o amor entre e pelos jovens, a partir do século XVII isso passa a ser entendido como um crime que precisa ser perseguido e eliminado do convívio social. A pederastia era compreendida como qualquer prática sexual sem o objetivo da procriação. E no Brasil, entendia-se a criminalidade e marginalização como uma pratica natural de homens que gostam de outros homens.

Na contemporaneidade segundo Sales (2010), o futebol no Brasil é uma espécie de esporte obrigatório aos rapazes, sendo-lhes ensinado desde muito cedo. Este esporte é culturalmente considerado como domínio masculino. Eles são, portanto reiteradamente

treinados e assim vão construindo certa habilidade com a bola – o que não acontece com as meninas. Futebol é um símbolo de virilidade, força, habilidade e masculinidade, e funciona como uma forte marca de masculinidade, é uma produção de uma subjetividade máscula. Gostar de futebol, jogar [bem], assistir jogos e falar de futebol, são práticas que se impõe aos garotos desde muito cedo, como uma espécie de “interesse masculino ‘obrigatório’”(LOURO apud SALES, 2003, p.168, 2010).

Na representação de masculinidade o jovem não sente dor, não se emociona, é competitivo, gosta de jogos, e é fanático por futebol, pratica culturalmente atribuída aos rapazes. Ou seja, no Brasil os meninos desde a mais pequena idade são ensinados a serem “machos” e a gostar de futebol. Entendendo a homossexualidade, o futebol, e a masculinidade com estas representações, o jogo é mencionado na piada do “Comédia MTV” por sua forte associação ao universo masculino, e a homossexualidade representando ser um distanciamento da masculinidade, o humor da epigrafe esta fundado neste preconceito.

Método

Para fazer uma análise de manifestações espontâneas de jovens brasileiros, expressas no Facebook, buscando identificar suas representações de mundo, da realidade atual, e de suas vivências da sexualidade nessa realidade, com foco em três direitos subjetivos: o direito de ser, de desejar, de escolher. Foi analisado um grupo específico, criado por estudantes da UNICAMP, que se constitui como um grupo secreto, ou seja, invisível para os olhos do sistema de busca do Facebook e do Google, com a intenção de aproximar os LGBT da universidade, onde só é possível entrar quem é convidado por um membro.

O grupo tem poucas restrições sobre seus ingressantes, desta forma o grupo não conta só com estudantes, essa barreira foi superada pela facilidade com que as coisas evoluem na internet, então há funcionários, amigos dos integrantes, estudantes de outras universidades, e estudantes que sonham em ingressar nesta universidade pública. O período analisado foi de janeiro de 2012 a janeiro de 2013, e durante o período o grupo possuía cerca de 1500 pessoas. Como se trata de um grupo secreto, as identidades dos sujeitos serão ocultadas e serão substituídas por nomes fictícios. Conservou-se as escritas na íntegra com seus erros e gírias, por se tratar de uma escrita que além de tudo afirma a identidade do grupo LGBT.

A opção pelo recurso das redes sociais justifica-se pela intenção de obter manifestações espontâneas não direcionadas por perguntas do pesquisador. Esta tem sido uma estratégia utilizada com sucesso quando se investiga temáticas marcadas pelo preconceito e pela negação, como é o caso das questões relativas às sexualidades. Souza (2009) já apontava essa possibilidade metodológica, em um interessante estudo sobre a homossexualidade na perspectiva de famílias de homossexuais.

A seleção da coleta de dados foi de acordo com minhas observações, portanto são marcadas fortemente pela minha subjetividade, dentre as muitas postagens procurei pelas que identificavam as representações sociais dos jovens, sobre a realidade atual e a vivência da sexualidade nessa realidade; os direitos subjetivos [principalmente de ser, desejar e escolher] das pessoas nas suas constituições como indivíduos; as configurações sociais das sexualidades, na perspectiva do próprio jovem; as construções de suas subjetividades, e a educação e construção do sujeito a partir de uma relação dialética com o mundo.

Buscou coletar manifestações espontâneas sem uma entrevista fechada, para não haver um filtro moral, ou perguntas direcionadas por um entrevistador, e também por deixar as vozes dos jovens livres para se expressar. A definição de direitos subjetivos, que amplia

a discussão sobre direitos humanos, foi expressa por Soligo (2009), em conferência no Fórum Social Mundial realizado em Belém do Pará. Segundo a pesquisadora, para além dos direitos do cidadão expressos na legislação, a Psicologia nos conduziu a pensar em direitos que atingem a pessoa e sua constituição como sujeito, na medida em que, como consequência do cerceamento dos direitos legais, fecham-se possibilidades e caminhos de identidade para aqueles que, de alguma forma, são discriminados, rotulados ou excluídos.

Resultados

Com a observação das manifestações espontâneas dos jovens notou-se que estes ao longo da construção de suas subjetividades foram influenciados por uma sociedade carregada de valores heteronormativos.

Para explicar a heteronormatividade utilizo as palavras de CHAMBERS & COHEN precursores da teoria Queer citados por MISKOLCI (2009): “A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (p.156). E acrescento os comentários do autor como sobre como a heterormatividade fundamenta nossa sociedade:

a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (p.156 e p.157)

Assim, no decorrer da pesquisa, muitos jovens questionam os direitos de ser, de desejar e de escolher, próprios e dos outros fundamentados na heteronormatividade. Houve uma grande disponibilidade de postagens e comentários, porém foram selecionados os mais relevantes para compor este trabalho. Esses dados aparecem a seguir, subdivididos por postagem.

Numa das observações do grupo foi possível coletar dados onde alguns membros levam em consideração, e outros questionam uma pesquisa¹ que coloca a homossexualidade como

¹Modelo propõe que marcações no DNA levariam à homossexualidade. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/1203478-modelo-propoe-que-marcacoes-no-dna-levariam-a-homossexualidade.shtml>>. Acesso 13.02.2013.

Disponível também em inglês <www.jstor.org/stable/10.1086/668167>. Acesso 13.02.2013.

um problema/desvio genético ou de comportamento. O primeiro com comentário com questionamento sobre a pesquisa:

Andreas: Gente, sério mesmo? “... algumas meninas receberam o padrão que aumenta a sensibilidade ao hormônio testosterona, masculinizando sua orientação sexual, e que alguns meninos receberam o padrão que diminui a sensibilidade à testosterona, o que tornaria seu desenvolvimento mais “feminino”” Até quando vai ficar essa palhaçada de falar que gay é “amulherado” e lésbica é “mulher macho”?

Outra crítica a pesquisa, mas vinda da Camille²

Pois é... esse é o problema, essencializa um tipo de hormônio com uma identidade e orientação e dão essas relações como pressuposto que seja unívoco e verdadeiro, sendo que a única evidência que isso é verdade é que é uma interpretação de um fato social, ou seja, são heteronormatividade, binarismo de gênero e cissexismo vestidos de ‘ciência’.

Andreas: isso abre uma porta para uma hierarquização banal (é mais homem, pq tem mais testosterona e, portanto, come mulher) e pra uma base de preconceito (não é homem de verdade, pq é menos suscetível à testosterona e, por isso, trepa com homens). Ao mesmo tempo, reproduz um discurso infundado de que o “normal” do sexo é o encontro pênis-vagina. O que por si só, está, ao meu ver, muito mais baseado em uma questão religiosa/tradicional do que em qualquer abertura para o mundo. [...] To dizendo/reclamando/recriminando que o tipo de visão de mundo que leva a essa pesquisa, assim como à “má escolha de palavras” de quem escreveu o artigo está profundamente influenciada por um preconceito social. Basicamente, se reforça que o “homem” é heterossexual, tem muita testosterona (logo, é mais agressivo e tem mais desejo sexual), enquanto todo gay é “menos homem” (menos testosterona, menos agressividade...).

Camille: Esse estudo também não abarca nem um pouco pessoas trans*. Como “explicar” que uma mulher trans se atrai por uma mulher? O que de feminino nos seus genes a faz mulher e o que nos seus genes a faz “masculina” por gostar de mulheres”? risos... Só corrobora a ideia equivocada que pessoas trans são gays “extremos” zzzzz pra mim o próprio estudo se baseia em premissas tão erradas que todo o resultado já fica comprometido. nem precisaria do resultado pra dar merda, pois a própria pesquisa já é uma. rsrs

²Camille é uma travesti integrante no grupo, uma estudante universitária que em seus comentários faz diversas referências aos estudos de gênero e teoria Queer. O nome foi escolhido em homenagem a uma travesti assassinada a pauladas no município de Campinas em 2010.

Alguns comentários são feitos até que surge um comentário que se distancia do debate acadêmico e se aproxima do senso comum:

Arthur: quem discorda que seja genético acha que seja o quê então? psicológico? opção? menos vai gente...

Camille: Social... é tão difícil assim?? Rsr. Dizer que é social não implica em dizer que é uma opção. Nem que a biologia não nos constituiu, mas não é a causa primeira de explicações e verdades...

Andreas e Camille questionam a pesquisa por seu fundamento heteronormativo. O estudo parte do pressuposto que em algum momento surgiram os animais, e estes animais nasceram com uma preferência sexual para se reproduzirem, mas em outro momento surgiram os anormais que fogem dessa norma – os machos que se aproximam do “papel” de fêmeas, e as fêmeas que se aproximam do “papel” de macho. Contudo, a representação é a de que a homossexualidade está “fora do normal”, ao invés de integrar a diversidade sexual ao que é humano.

é crucial manter uma conexão não causal e não redutiva entre gênero e sexualidade. Exatamente devido ao fato de a homofobia operar muitas vezes a través da atribuição aos homossexuais de um gênero defeituoso, de um gênero falho ou mesmo abjeto, é que se chama os homens gay de “femininos” ou se chama as mulheres lésbicas de “masculinas”. (BUTLER apud LOURO, p.28, 1999)

O termo trazido por Camille - cissexismo é uma variação do termo sexismo. Se tomamos a definição de sexismo como “um sistema de crenças que funciona instaurando grupos sexuais e reforçando um esquema de hierarquia entre eles” (GABRIEL, 2011, p.168). Heterossexismo coloca a questão de orientação sexual como uma variante que entra no jogo da distinção de grupos sexuais. Já o cissexismo coloca a questão da identidade de gênero. Associamos os grupos sexuais descritos na definição de sexismo como apenas dois – homens e mulheres – precisamos dos afixos ‘hetero’ e ‘cis’ para entendermos que existem outros grupos sexuais possíveis (GABRIEL, 2011). A divulgação do termo enriquece debates e discussões do grupo, sobre possibilidades de ser, desejar e escolher.

Outra problematização trazida por Camille é em relação as categorias de gênero estabelecidas como uma relação binária homem-mulher. Judith Butler explica o binarismo como um produto reificado de práticas discursivas múltiplas e difusas que funcionam como regimes de poder, sendo o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória apontados como elementos definidores desta produção/construção, essa construção é uma maneira de assegurar a manutenção da estrutura binária dos gêneros (PERELSON, 2004).

A representação da diversidade sexual e de gêneros para esta pesquisa é heteronormativa, e a aceitação do argumento da anormalidade nos genes propaga a ideia de que os LGBT são anormais. A busca por respostas nesta direção pode demonstrar também uma tentativa de normalizar “os anormais”, sair de uma situação desequilibradora, uma busca por tornar o estranho em familiar, mas com uma fusão de ciência e religião que pode satisfazer como resposta aqueles com dificuldade de aceitar a diversidade sexual como algo

humano e pertencente a todos nós, pois supostamente um Deus poderia ter colocado esses genes “anormais” nos seres.

No período analisado houve referências a experimentar ambos os gêneros/sexos para ter certeza da sexualidade. Como a pergunta do homossexual Gabriel para o grupo:

Gente linda, um tópico para discussão: Ontem, conversando com um amigo gay, ele ficou passado³ quando eu disse q nunca saí com mulheres, seja para fugir de mim mesmo, seja para confirmar minha homossexualidade. Segundo ele, eu deveria ter passado por essa experiência, mas respondi que é anti-ético da minha parte fazer isso, pois estaria me enganando e enganando a garota, sei do que eu gosto e não seria justo fazer isso. Ele me chamou de “puro sangue”, ou homossexual exclusivo (segundo a polêmica escala de Kinsey). Então eu pergunto: (1) vcs acham relevante passar por essa experiência heterossexual? (2) tem mais “puro sangue” aqui no grupo? Bjus a tod@s

O primeiro comentário remete a um estranhamento desta pergunta:

Max: “Por acaso, os héteros têm que passar por experiências homossexuais para confirmarem sua heterossexualidade?”

Julian: I kissed a girl... and I liked it! =P

Max: I kissed a girl... and I felt nothing =/

Diego: Beije uma menina uma vez, na adolescência, por pura pressão. Compartilho da sua opinião. Eu sei do que eu gosto e não preciso ficar brincando de hetero. Até pq acho esse tipo de brincadeira bem sem graça rs

Leonardo: Eu sou “puro sangue” também. A primeira vez que beijei alguém foi aos 16 anos e aquela altura eu já estava bem resolvido, tendo passado por conflitos, dúvidas e tudo mais. Nunca beijei mulheres porque nunca tive curiosidade nem vontade, e jamais me senti mal por isso ou pensei que minha sexualidade estava em risco ou poderia ser posta em dúvida.

Rafael: Eu perdi minha virgindade com uma prima, assim como me “pegava” com uns priminhos tb, então eu sempre soube que o que me completava é um boy, assim como todos os primos são héteros e casados, só eu engajei. Experimentar, assim como não precisa, tb não mata, e só irá comprovar por A + B que vc gosta de neca⁴ ...

³Ficou chocado.

⁴Pênis, no dialeto usado pelos gays.

Renato: claro que passa muito longe de serem todos, mas conheço bastante hétero que já pegou gente do mesmo sexo só pra ver com era, não curtiu, e confirmou (na falta de palavra melhor) a heterossexualidade. Acho experimentar bem normal, para qualquer lado, mas não obrigatório.

João: cada um, cada um. Acho que a pessoa pode ter uma noção do que deseja, mas a dúvida é legítima. Eu tive tantos problemas na infância e na adolescência que às vezes que perguntava se a minha orientação era algo vindo de fora: da repressão da escola, dos “amigos”, dos problemas com a família... como não me relacionava com mulheres, ficava muito pensando como seria se fosse de outro jeito... ter me relacionado com mulheres foi ótimo nesse sentido; não era anti-ético, pois eu mesmo estava na busca. Mas quando você descobre e finalmente aceita, as coisas mudam de figura!

Ana: Não me considero “puro sangue”, mas a primeira pessoa que beijei na vida foi uma mulher, exatamente pq sempre quis ficar com quem gosto e como nunca me apaixonei por um homem não quis que fosse assim meu primeiro beijo. No entanto, já fiquei com dois homens na vida, mas nunca foi além do beijo e confesso que me arrependo até mesmo de ter beijado. Acho que no fundo todos sabem o que querem, pelo menos na hora. Lembrando que “mentir pra si mesmo é sempre a pior mentira”. Então eu sou a favor de fazer aquilo que gostamos, que sentimos prazer, que nos fazer sentir à vontade. Sem pensar nos outros, sem ter que provar nada à ninguém.

Para finalizar a discussão o autor da postagem retorna.

Gabriel: Gente gostei da opinião de todos vcs, por elas fiz 2 observações: (1) sexualidade não é algo estático, há várias nuances q não podem ser observadas se restringirmos à homo, hetero e bi; (2) cada um busca aquilo que tem interesse, ou pelo menos, quer experimentar. Agradeço a todos pelo debate.

A Escala de Kinsey citada pelo autor da pergunta tenta descrever o comportamento sexual de uma pessoa ao longo do tempo e em seus episódios num determinado momento. O americano foi pioneiro ao falar que os seres humanos não se classificam quanto à sexualidade em apenas duas categorias exclusivamente heterossexual ou exclusivamente homossexual, mas apresentam diferentes graus de uma ou outra característica extrema. A escala influenciou a cultura e o comportamento dos Estados Unidos na década de 60, mas hoje é muito criticada por prever apenas uma sexualidade representada em macho e/ou fêmea, e também por ser inútil para descrever a transsexualidade.

Com a frase: “por acaso, os ‘héteros’ têm que passar por experiências homossexuais para confirmarem sua heterossexualidade?”, podemos perceber que os heterossexuais podem

vivenciar sua sexualidade com mais liberdade, enquanto que para os homossexuais esta liberdade não é dada, ela é questionada e pode ser conquistada. Os homossexuais ao “precisar” passar por um teste heterossexual também pode ser uma representação de uma patologização da homossexualidade, como um diagnóstico que precisa ser confirmado por exame.

Para o autor da postagem a representação de liberdade para viver suas experiências sexuais é limitada por uma “ética” e compromisso com a verdade, porém podemos observar que a verdade é uma busca por enquadrar-se em estereótipos, uma busca de uma palavra para nominar o que ele e as pessoas são, ou seja, tornar aquilo que é estranho em familiar. Com as questões trazidas por seus colegas o jovem pode refletir sobre seu direito de ser, desejar e escolher e diminuir a tensão de uma falta da liberdade para viver experiências sexuais e vivenciar a sexualidade.

Nenhuma identidade sexual - mesmo a mais normativa - é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (BRITZMAN apud LOURO, p.27, 1999).

A revelação da dúvida diante da própria orientação sexual, ou a constatação que a orientação era por uma pressão vinda da sociedade, aliada a uma necessidade de se definir/rotular mostra que o sujeito vai se constituído a partir do que foi socialmente construído, mas o que foi socialmente construído não tem uma representação social positiva, e muitas vezes é melhor que seja evitada.

No grupo é possível criar enquetes/pesquisas onde as pessoas votam diversos temas, numa ocasião um dos usuários criou a seguinte:

Mauro: Meus caros, vou aproveitar o tamanho do grupo pra tentar fazer uma estatística. Por favor, não se sintam ofendidos e responda sem zoeira ta?

- Sou gay mas já me considerei bi
- Sou gay e nunca me considerei bi
- Sou bi e tenho 19 anos ou menos

Vanessa: “Tem poucas opções, acho.”

Mauro: “pq?”

Rodrigo: O que você vai fazer com essa estatística?!

Mauro: Talvez mudar alguns preconceitos que eu tenho ;)

Carlos: para acabar com o preconceito, comece não classificando!
=]

Mauro: pra cima de mim não meu querido. Meu preconceito é a idéia de que ser bi é uma fase. Eu não sei se estou certo ou errado quanto a isso e gostaria de entender melhor. Não me venha com frases feitas sem fundamento só porque aparentemente cabem no contexto.

Vanessa: nunca vi o “ser bi” como uma fase... ao mesmo tempo não consigo responder sua pesquisa pq simplesmente não me encaixo aí... por isso disse q tem pouca opção

Mauro: como vc não se encaixa Vanessa? Q q falta? Você viu q tem mais opções se vc clica no botãozinho embaixo ?

Vanessa: o que quero dizer é q vc desconsidera outras formas de ser! vc coloca o ser bi como uma oposição a ser gay, ou seja, ou se é gay, ou se é bi. As coisas não são assim binarias... há aquelas pessoas que por afinidade estão por aqui e não necessariamente se sentem a vontade ou nem querer se definir. Não conhecia a escala Kinsey, me parece mto biologizante, pra gente classificar de maneira médica mas... veja q mesmo ela tem mais uma opção que a pesquisa do Mauro... tem assexuado. Mauro veja estes dois textos⁵ especialmente o segundo, que vai discutir classificações.

Mauro: Só estou curioso para saber se muita gente que hoje se considera gay já se considerou bi. Simples assim.

Lian: Acho que o que a Vanessa está querendo dizer não tem a ver com a nomenclatura que vc usou (criador da enquete), de se usar “gay” ou “homossexual”. é que além de convenções sociais, rotulações, siglas, definições, existem também práticas sexuais e outros fatores, inclusive a idade. Não dá para dizer, por exemplo, que a pessoa nasce, se desenvolve e morre unicamente hetero, bi ou homo. Há experiências na vida dessa pessoa e se ela ficar parando pra analisar em qual grupinho da sigla LGBT ela se insere aí ela vai ser apenas escrava da sigla, e não livre sexualmente... e, mesmo que fosse possível tipificar, qual a necessidade de saber se a pessoa deixou de ser bi para ser gay ou o contrário? Isso vai mudar em quê na sua relação com a pessoa?

Mauro:acho - achismo ligado - que as pessoas que tiveram difi-

⁵<<http://oquevcfazcomasualingua.blogspot.com.br/2011/10/como-reconhecer-verdadeira-identidade.html>>. (É um texto que discute a classificação dos transgêneros entre travestis ou transexuais)
<<http://oquevcfazcomasualingua.blogspot.com.br/2012/03/ser-mulher-num-mundo-cissexista.html>>. (Ser mulher num mundo cissexista, uma discussão sobre a questão de gênero)

culdade em aceitar sua “não-heterossexualidade” tenha se considerado bi durante um tempo.

Lian: e acho tb que o (criador da enquete) tocou numa discussão eterna. Em todos os grupos mistos eu vejo os bissexuais sendo atacados ou como indecisos ou como homossexuais covardes não assumidos completamente... ou como heterossexuais carentes....mais uma vez o binarismo. Mas Marcel, imagino que vc não tenha feito a pergunta para mudar sua relação... foi mais uma pergunta retórica, sabia que sua resposta seria “nada mudará”....

Mauro: é curiosidade. Sinceramente, minha “experiência” me diz que os bissexuais são bissexuais por pouco tempo. é o que eu penso hoje. posso estar errado, posso. Gosto mais ou menos de quem é bissexual por isso? Não. Gosto tanto quanto gosto de um heterossexual, homossexual [...]. Pessoas são mais que isso. Estou perguntando pra saber se tem fundamento o que eu penso ou não. Parem de fazer dilúvio em tampa de xarope.

Carlos: Mauro, não entendi o pq do seu drama depois do meu comentário. Mas boa sorte com a sua pesquisa, que, nossa! parece ter muito mais fundamento que o meu comentário!

Miguel: Acho que cai mto bem uma frase que uma amiga me disse uma vez: “Você se identifica como? Eu me identifico como Aline. Se quiser usar uma palavra para me definir, use, só não me reduza a ela, não apague minha humanidade. Eu como qualquer outra pessoa guardo um universo em mim.”

Daniel: “Queria responder, mas não sei o que coloco. Sou gay, mas já pensei que não fosse e por isso saia com mulher. Apesar de não me considerar bi quero transar com mulher.”

Camille: Acho o fb um ótimo lugar pra discussões e mesmo que esses debates sejam mais “calorosos”, com claros pontos de vista divergentes, é ainda mais enriquecedor pelas informações nos argumentos das pessoas. Eu mesma já aprendi muito através de grupos por ai. Pra isso é claro não se deve encarar como críticas pessoais, mesmo que isso as vezes seja meio impossível, mas de qualquer forma eu gosto de barraco mesmo. Sobre as classificações, eu por ex. sou travesti, alguém mais? Rsr rs Eu seria hetero por gostar de homem?? O não, umx hetero infiltrada no (grupo)!! Alguém que gosta de trans tem qual orientação? E quem gosta de interssexual? Kkk

Vanessa assume que não tinha conhecimento da escala Kinsey, aprendeu a respeito e lançou suas críticas, que é “biologizante” e binária desconsiderando muitas formas de ser.

Questiona principalmente pelos direitos de ser, desejar e escolher, sem preocupar-se em classificar e escolher uma das letrinhas do movimento LGBT para lhe representar. Lian comenta que durante uma vida podemos apenas querer viver experiências e se rotular pode atrapalhá-la a fazer escolhas livremente, questionando também a escala kinsey, e até mesmo a sigla LGBT.

O criador da postagem, Mauro se referiu a homossexualidade como uma característica que se descobre e assume; e a bissexualidade com seu preconceito e representação de ser apenas uma fase para chegar-se a homossexualidade, ou também uma falta de coragem para assumir-se homossexual: “acho - achismo ligado - que as pessoas que tiveram dificuldade em aceitar sua ‘não-heterossexualidade’ tenha se considerado bi durante um tempo”. Este tipo de comentário reforça a pauta da falta de visibilidade dos bissexuais, transsexuais e lésbicas dentro do movimento LGBT.

Alguns membros apontaram para a existência de comportamentos e locais adequados para a vivência da sexualidade:

Leonardo: Gente estava bandejando forever alone⁶ a pouco e num momento súbito me veio à cabeça uma coisa... Várias vezes almoçando junto com amigos, sempre que passa aquele boy magya⁷ que todas unyidifica litros e ovulam milhares de vezes⁸, fazemos aqueles benditos comentários tipo “noooooooooooooooooosssssssssaaaaaa” e daí para baixo... hahahahahahahah
Mas pensando bem qual seria diferença desses comentários pra aqueles comentários de pedreiros na construção, ou então aqueles mesmos comentários que algumas vezes nos sentimos ofendidos? Fiquei imaginando que nesse momento eu não seria diferente em nada e voltei a pensar em cada situação que já escutei cada comentário que dava vontade de bater na cara do indivíduo até mandar pro sobrapar⁹... RSS que vcs acham?

Haverá comentários com representações que os gays têm direito de desejar, escolher, e ser, e outros que questionam estes mesmos direitos, há também aqueles que questionam a liberdade, os limites da liberdade, opressão, e o status de igualdade com os heterossexuais, e comentários heteronormativos no que se refere à conduta e comportamento, e também alguns comentários que remetem não vivenciar a sexualidade de forma a incomodar os heterossexuais com a homossexualidade.

Gustavo: Primeiro que eu acho que somos mais criativas. Segundo, e principal, não tratamos os boys como objetos. São pessoas que nos atraem. Pensando em como podem nos dar prazer,

⁶almoçando ou jantando solitário

⁷Homem jovem e bonito

⁸Expressão pra dizer que era muito bonito

⁹SOBRAPAR - Instituto de Cirurgia Plástica Crânio Facial

especulamos, comentamos, ovulamos. Temos homens cis héteros machistas que partem para o feminino (não necessariamente a mulher; vide cafuçus¹⁰) com a premissa de objeto a ser usado para a satisfação do seu falo, seu pau. O ovo da marmita é algo que “combina naturalmente” com a marmita q que por isso deve ser “incorporado” à “refeição”. Cadê a humanidade aí?

Obviamente que este tipo que a “poesia” desse tipo de cantada é tão bem feita que vira motivo de chacota. Em grande medida porque há uma avaliação social de que é o máximo que os pedreiros pouco escolarizados devem alcançar em termos de cantada. Quando comentamos sobre nossos objetos de prazer estamos vivendo nossa sexualidade. Somos homens afetivos por homens e falamos sobre isso. Difere de ser homem doido por vagina.

Jonas: Eu não acho a mesma coisa, já ouvi uns comentários de alguns homens heteros horríveis, jamais falaria algo do tipo sobre um boy, achar um cara gato e comentar com os amigos não tem o menor problema, afinal não somos cegos neh

David: Ta parecendo mais homem doido por pênis! Ficar gritando boy magia pros homi na rua é no mínimo falta de educação, não difere em nada do que os pedreiros fazem com as mulheres!

Cesar: Depende, uma coisa é na rua, passando por uma obra sabendo que vai ser cantado. Agora em público e na faculdade, sei não.

Jonas: Pra mim está objetificando a outra pessoa do mesmo jeito que os pedreiros. Você esta chamando o cara de boy magia ou gostoso, não por que vc conhece profundamente a psique, alma e personalidade da pessoa mas sim pq vc achou ela bonita. Os pedreiros fazem exatamente a mesma coisa.

Alberto: Uma parte do que é a gente brincar de comentar os boy magya e fazer cantada bem criativa, mas ousada é uma manifestação da negação da repressão. éramos/somos reprimidos na expressão da nossa afetividade e da nossa sexualidade. Fazemos isso porque ao refleti entendemos que devemos ter essa liberdade... Sobretudo se levarmos em conta que nossa objetificação não se aproxima da objetificação de um homem sobre uma mulher, já que estamos objetificando outro homem, que não sofre o mesmo tipo de opressão que essa mulher em questão sofre...

Lucas: Não vejo nenhuma diferença também, só a de que o comentário não é dirigido a pessoa, não é feito em voz alta. Nem é necessário ir ao canteiro de obras para ver isso também. Na

¹⁰homem másculo, viril, rústico, de baixa renda, e que mora na periferia

saída do bandejão¹¹ dia desses tinham uns babacas – desse que divulgam festas alto – gritando pras meninas que saiam do almoço. Assim como não vejo problema algum em ver pessoas como objetos sexuais, contato que isso não gere um desrespeito, contanto que a pessoa esteja de acordo – ou que o comentário não seja dirigido a ela.

Alberto: Eu sequer vejo problema em que as pessoas saibam que é para elas. Porque o evento que aconteceu conosco, o menino percebeu que tava todo mundo olhando para ele e o comentário foi perceptível, mas não foi ofensivo.

Lucas: Mas será que o comentário precisa ser ofensivo para incomodar? Porque chamar de gostosa não é ofensivo, quer dizer, é um elogio.

Alberto: Acho que é muito mais uma brincadeira do que qualquer outra coisa. é um jogo de liberdade. Lembrei de um viral¹² do face que definia homofobia como o medo de um homem hetero ser tratado como ele trata as mulheres... Porque esse hetero pode querer que a minha expressão não exista não porque ele se sentiu constrangido, mas porque ele não quer se deparar com a expressão da minha opinião, afetividade ou sexualidade, entretanto ele não se sente oprimido pelo meu comentário, no máximo irritado ou constrangido. Afinal ele é gostoso, é padrão de beleza e é homem...

Nando: pode gerar um desconforto enorme a um hetero ser chavecado¹³ em público por um gay. Alguns heteros que eu conheço se um heterossexual o cantasse em particular já seria motivo de briga, imagina em público. Eu me refiro ao ridículo, não ao fato de ser em cantadas homossexuais em si, mas o fato de chavecar e espor uma pessoa a tal situação. Do mesmo jeito que tem mulher que não gosta de ser cantada por pedreiros.

Souza: Gente que conversa de doido. Desde quando heteros e bixas são assim igualzinhos para se usar a mesma régua? Desde quando homens e mulheres usufruem da mesma liberdade nos atos e gestos e na declaração da palavra de sentimentos e desejos?

É preciso ser muito heteronormativo para acreditar nessa noção que equipara o incomparável.

É preciso se despir um pouco do moralismo machista que impede as mulheres e as gays de fazer o que os heteros fazem O TEMPO

¹¹Restaurante universitário

¹²Viral é uma imagem, vídeo, comentário, que alcança um alto poder de circulação na internet

¹³Xavecar - O mesmo que dar uma cantada, ato de assediar uma pessoa sexualmente, ou tentativa de convencimento

TODO. A realidade é mais complexa que a simples atribuição invertida das coisas.

Objetificação não é apenas a experiência da nomação grosseira (a palavra tornada cantada), mas esta experiência é uma condição objetiva que a impõe/permite. A cantada machista não é mera grosseria. é a realidade falada. Dito de outra maneira o problema não é a cantada, mas a condição objetiva do machismo, pq anterior a própria cantada. A cantada do hetero masculino é a reprodução de uma relação Já EXISTENTE de subalternidade de “seu” objeto.

A cantada das mulheres é o oposto da cantada machista, pq ela é a afirmação da liberdade (da palavra) sem condição imponente (não, uma cantada feminina não pode constranger tal qual uma cantada machista, pois ela NÃO é MERA reprodução da desgraça social, ela é a afirmação do contrario que aí está)

Com as gay é a mesma coisa (em relação às mulheres). Trata-se de uma pedagogia afirmativa que nunca havíamos ousado ter.

Não podemos acreditar na pataquada demagógica que nivela como equivalentes o que nunca foi equivalente ao mesmo tempo que esvazia o conteúdo de desigualdade que vivemos.

Não se constraçam em expor aquilo que não se impõe em lugar algum: aquilo que é a objetivação para um hetero masculino é a produção da subjetividade (livre) para mulheres e gays.

Aos heteros masculinos constraídos, resta apenas sugerir a eles que reconheçam que cantadas não se revelam em ameaças de estupro ou lampadada na cabeça¹⁴, respaldadas dos preconceitos das instituições.

Lucas: Mas apontar para um desconhecido na rua e declamar suas qualidades para que este ouça me soa invasivo, e, portanto, desrespeitoso. E eu ainda não vejo o desrespeito como uma forma de afirmação social.

Alberto: Invasivo é você não poder dizer socialmente que é gay em qualquer espaço sem medo de retaliações, é andar na rua com medo da lâmpada. Ser chamado de gostoso não dói.

Lucas: Eu pelo menos luto para ter os mesmos direitos, o direito de me casar, de adotar um filho de expressar minha sexualidade com meu namorado, ficante, rolo, o q seja. Não luto pelo direito de agredir e constranger.

Souza: Pois é, mas mulheres e gays precisam quebrar as noções vigentes de “respeitabilidade”, pois elas, não por um acaso, nos

¹⁴Referencia a ataques onde homossexuais foram agredidos com lâmpadas em 2010 <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/11/grupo-usou-lampadas-como-bastao-para-agredir-jovens-na-paulista.html>> Acesso 12/11/2014

“vadializaram”. Quebrar tais noções para se construir outras, mais diversas e mais adequadas à desigualdade de papéis e de liberdades as quais estamos TODOS submetidos (onde alguns estão submetidos para o próprio e exclusivo benefício).

Lucas: O homem heterossexual não é o inimigo dos gays! O inimigo é a homofobia e o machismo. é ridículo e preconceituoso achar que todo heterossexual é homofóbico e machista! Eu quero a coexistência pacífica e não a guerra e a ditadura.

Cesar: Acho que tem que chocar e escandalizar, mas sem perder a ternura jamais.

Alberto: Lucas, se essa moral de casar e ter filhos e essa reprodução da família heterossexual são o suficientes para você, então tudo bem...

Estariam Jonas, David e Cesar não querendo aborrecer os heterossexuais com suas homossexualidades? Para estes a relação de poder exercida por homens, mulheres ou homossexuais é a mesma, e como já foi comentado anteriormente, não é possível nivelar como equivalentes aqueles que vivem em desigualdade. Se o homem heterossexual for colocado ao status de mulher (objeto) e isto ofender a ponto de querer agredir um homossexual percebemos que não há igualdade entre homens, mulheres e gays; notamos também que o homem heterossexual representa ocupar um lugar de privilégio, e cantada dos oprimidos é subversão do que esta socialmente construído. A cantada dos gays não remete a formas de violência como o estupro nas mulheres e a agressão homofóbica, pelo contrário, quem pode ser vítima de violência é o próprio autor da cantada.

Guacira Lopes Louro, em “Gênero, sexualidade e educação (1999). Uma perspectiva pós-estruturalista”, discute a produção das diferenças e das desigualdades sexuais e de gênero. Alerta para o modo como os sujeitos sociais são atravessados por diferentes discursos, modos, expressões e práticas, constroem suas subjetividades, arranjando e desarranjando seus lugares sociais e suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo. Nesta discussão podemos perceber que homens, mulheres e gays não tem os mesmos lugares sociais no ato de desejar. E como diria Joan Scott citada por Louro: “usualmente se concebem homem e mulher como pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação - submissão. Para ela seria indispensável implodir essa lógica” (p.31, 1999).

De onde surgiu a necessidade de “conhecer profundamente a alma” para desejar? Da heteronormatividade? Sem dúvida os heterossexuais não precisam conhecer “profundamente a alma” para desejar, podemos relacionar este discurso, do amor para justificar a homossexualidade com a batalha por direitos onde se opta por usar o termo homo-afetividade em detrimento a homossexualidade, por uma representação mais branda e questionar menos a heteronormatividade. Pode-se notar uma anulação ou resistência do próprio direito de desejar, “aquilo que é a objetivação para um heterossexual masculino é a produção da subjetividade (livre) para mulheres e gays”, como foi comentado acima. E também a representação do bom homossexual como aquele que não deixa sua sexualidade ser revelada publicamente.

Aqui além de haver uma demonstração da abdicação da vivência da sexualidade por

uma vontade de não ferir a heteronormatividade, há afirmação/constatação que “seria motivo de briga”, sem o questionamento do motivo; mas porque o constrangimento deste homossexual? Viria do machismo ligado a comparação com um gay, ou seja, deslocar o homem heterossexual do lugar de macho?

No período analisado houve uma postagem que revela diversos preconceitos contra a Parada do Orgulho Gay (ou Marcha do Orgulho Gay), e contra os homossexuais.

Caio: Sim, eu não gosto de parada gay. A parada já não tem a mesma intensão social em que tinha a anos atrás. Ultimamente, virou um evento em que as pessoas vão para disputar o melhor modelito gay, um evento em que as pessoas vão com o intuito de ficar com outras pessoas, enfim, um evento onde as pessoas perderam totalmente o respeito para com a sociedade e o foco central: A mobilização social.

Germano: A palavra chave é: visibilidade.

Caio: Sim, e essa visibilidade está sendo negativa em virtude dos fatos citados.

Germano: Visibilidade negativa só pq você introjetou a moralidade dos outros contra você.

Caio: é claro. Eu só não quero que alguns elementos denigrem a imagem dos gays em geral. Na boa! Tanto é que as pessoas pensam que o mundo gay é uma putaria, é uma palhaçada .. sendo que não é assim. só que é isso que se dá a entender.

Germano: Você está redondamente enganado. Você não quer que degradem a imagens dos gays em geral. Quer que não degradem a sua imagem. VOCÊ não quer ser associado a essa imagem que você descreve. Você está julgando, junto dos nossos destraves, o mundo gay como putaria. Você quer ser aceito como “gay de respeito” numa sociedade hipócrita

Caio: hipócrita é seu pensamento. Não é atoa que o maior índice de AIDS é em homossexuais.

Germano: Se você não quer ser contrariado na sua opinião não a tivesse exposto publicamente. Se você faz sexo com homens, você não precisa da parada para a sociedade te julgar como indecente. Gay bom é só aquele sem sexualidade. Por isso você está errado, porque está medindo a parada a partir da moralidade de quem é seu inimigo. Mas a sociedade não fala nada das micaretas e o escambau quando elas não são gays.

Caio: Se você não se aceita, sorry, mas eu tenho muito orgulho do que sou. A sociedade generaliza a imagem dos gays por algo

que vêm, e não está de todo errada. Inicialmente o objetivo poderia sim ser de militância, porém, o que vemos hoje são demonstrações de atentado ao pudor. Isso e mais um tanto é o que acontece hoje em dia nessas “paradas”. E é claro que eu não quero ser visto, da maneira, a qual, descrevo. Afinal, você quer? E outra, isso não é ser gay, é ser VIADO¹⁵, porque gay, sabe se comportar!

Germano: “isso não é ser gay, é ser VIADO, porque gay sabe se comportar!” Senhoras e Senhores, eu me retiro da discussão nesse momento. é muita homofobia e preconceito introjetado.

Mariana: A parada virou um evento sim, mas ainda bem que temos um evento Gay dessa magnitude, onde as pessoas podem se mostrar, ser quem elas querem ser. Você é gay porque a sociedade te deu muita liberdade pra ser e essa liberdade vem de movimentos como esses. Todo grande evento pode se perder devido à quantidade de pessoas envolvidas, mas não venha me dizer que ela perdeu seu porém, o que acontece hoje é HISTÓRIA É CONQUISTA DE MUITOS, ser viado é tão digno quanto ser gay, quanto ser fancha¹⁶, quanto ser cristão, quanto ser qualquer coisa, respeitar o outro é mais digno que qualquer coisa meu querido.

Alberto: Já tive uma discussão uma vez com alguém que era contra a parada. E os argumentos eram na mesma linha moralizante, da moral e bons costumes cristãos, julgando a nudez e o sexo nas travessas da Paulista.

Acho que vem do nosso tempo esse moralismo, um tempo em que existe uma chance de aceitação das gay com cara das que passa na globo, sabe? Rica, glamourizada, bem sucedida, discreta, bonita, e assexuada, porque não pode ser gay em público, só da porta pra dentro. Arranjaram uma forminha pra alguns de nós se encaixarem e alguns de nós decidiram entrar nela totalmente. Gente, como as paradas de outrora, as de agora são pra visibilidade, são boas e têm de ser festa, têm de ser pegação¹⁷, é um espaço de liberdade que nós não disfrutamos cotidianamente. Antes “a gente” tinha a noção de que era necessária uma unidade de ação, uma coesão, porque todas, gays, lésbicas, trans... “éramos” marginalizadas. A partir daí, era necessário rasgar com a moral vigente e propor uma nova moral em que fosse possível

¹⁵Viado – Homem homossexual. O termo foi usado de maneira pejorativa durante muitos anos, porém é comum ser adotado por LGBT como uma afirmação positiva

¹⁶Fancha – Mulher homossexual. O termo foi usado de maneira pejorativa, porém é comum ser adotado por LGBT como uma afirmação positiva

¹⁷Ato de beijar, tocar, abraçar e trocar carícias

que a gente pudesse existir.

O que foi que mudou de antes pra agora? Algumas de nós têm uma forminha pra se encaixar, uma pretensa liberdade... Acho que a maioria de nós ainda não cabe nela e nem quer (na minha moral, pelo menos, não deveria querer caber)...

Cabe lembrar que a Parada do Orgulho Gay não nasceu da necessidade de celebrar ser gay, mas do direito de existir sem perseguição, uma busca por direitos legais, e de ter a cultura LGBT respeitada. é de senso comum desqualificar a existência da Marcha do Orgulho Gay por uma simples equiparação de não haver parada do orgulho heterossexual, mas não se devia perguntar do porque não haver uma parada do orgulho heterossexual, na verdade deveria se agradecer de não precisar haver uma.

Quais representações sociais que se pode ter da Parada do Orgulho Gay? Mobilização social? Militância? Visibilidade negativa? Degradação a imagem? Que o mundo gay é uma putaria? Subversão? Que os gays são imorais? Que os gays deveriam se dar o respeito? Infelizmente todas estas. Muitas dessas representações ruins nos lembram que há uma demanda por LGBT bons que não tem uma sexualidade publica.

Os comentários que condenam a Parada do Orgulho Gay por comportamento das relações LGBT me remeteram a uma representação patologizada que essas relações tiveram no passado, e que perduram até hoje. Alexandrino (2009) nos lembra que essas praticas estavam ligadas a ideia de crime e se desenvolviam normalmente sem envolvimento emocional e à surdina.

Na cultura cristã ocidental a homossexualidade se viu repelida e teve, portanto de concentrar sua energia no próprio ato sexual. Não se permitiu aos homossexuais elaborar um sistema de corte, uma vez que lhes foi negada a expressão cultural necessária a essa elaboração. A piscadela na rua, a repentina decisão de ir ao que interessa, a rapidez com que as relações homossexuais são consumadas, todos esses fenômenos têm sua origem numa proibição (FOUCAULT apud ALEXANDRINO, p. 13, 2009).

Porém na Parada do Orgulho Gay, há muitos LGBT que se beijam e fazem a pegação publicamente, o que a sociedade brasileira não esta habituada a ver. A representação social que se tem é que essas relações ainda precisam acontecer rapidamente, num local privado e sem a possibilidade de duração ou envolvimento entre os parceiros. Daí advém o que hoje conhecemos como promiscuidade, que surge da impossibilidade da realização dessas relações mediante uma sociedade que aceite e conviva com tais comportamentos (ALEXANDRINO, 2009).

Durante as observações houve uma ocasião que o grupo mobilizou-se para organizar um beijaço¹⁸ devido à repreensão de um casal de garotas do grupo ao demonstrarem

¹⁸Beijaço é um tipo de manifestação, frequentemente utilizada por homossexuais, que consiste na reunião de vários casais LGBT para se beijarem dentro ou diante de algum lugar que tenha reprimido tal manifestação de afeto previamente. Esta é uma forma de protesto e repulsa ações preconceituosas e com o objetivo de chocar aqueles que rejeitam as diversas formas de orientações sexuais.

homoafetividade num restaurante/bar que se afirma aberto ao público homossexual. Em resposta ao estranhamento de alguns integrantes com o fato um dos integrantes esclarece o que houve:

foi tenso, como sempre. Fomos afrontados, impedidos de protestar dentro do bar. Ficou bem claro que o bar só quer ganhar dinheiro, reconhecer o direito que é bom, nada! Panfletamos na entrada do bar, explicamos sobre a lei e denunciemos o que havia acontecido no estabelecimento. [...] Se é para ganhar dinheiro, eles são super-friendly, mas quando se exige uma postura de contribuição para com a aceitação da diversidade, logo, com a ruptura de um moralismo vigente, a coisa muda. [...] Uma coisa é um casal gay chegar bem vestido, com muito dinheiro no bolso, comprar comida e bebida caras, dar uma boa gorjeta, e claro, se comportar de maneira contida e “amanteigada” - feito comercial de margarina. Outra coisa é este mesmo casal gay querer se colocar no status de “direitos iguais” e ofender a instituição da família brasileira ao demonstrar afeto. Sebastian

Este comentário é rico em críticas aos espaços tidos como LGBT, que os frequentadores sentem-se acolhidos, mas a gerência e direção tendem à heteronormatividade ao se preocuparem com os lucros e com a clientela, para estes espaços onde há uma repreensão da homo-afetividade a luta por direitos LGBT não se sobrepõe a busca por rendimentos numéricos. Devemos lembrar também da representação de “gay” bom, neste caso lésbicas, que não tem sexualidade ou pelo menos não publicamente.

Numa outra ocasião de repulsa à homo-afetividade os integrantes deste grupo do Facebook somaram-se às organizações políticas maiores da cidade de Campinas, como o grupo Identidade que luta em prol dos direitos LGBT, e foi um dos responsáveis por alguns atos, como a parada gay de Campinas.

No período observado o grupo discutiu a questão das transexuais e travestis, devido a conteúdos, piadas ofensivas e o gênero para tratar as pessoas do próprio grupo. Uma postagem com mais notoriedade sobre este tema foi:

Tiago: “Alô Alô Graças a Deus Ai você está andando na rua, bem delicinha e se depara com um travesti boliviano com uma bandeira do corinthians. Quédizê”.

Esta é uma questão que meche pessoalmente e politicamente com Camille, que inicia o debate:

Camille: Você tem certeza dos pronomes que usou? Faz todo sentido travestis são bichos exóticos pras pessoas cis observarem e se divertirem como se estivessem em zoológicos... Umx travesti bolivianx andando pela rua com uma bandeira do corinthians

QuêDizê..... NADA.

Michael rebate a observação: Quêdizzê” que você é preconceituoso e que a travesti gosta de futebol.

Camille: vc se refere “um” travesti falando de uma mulher? se for, vc está sendo transfóbico. Também esta sendo preconceituoso por exotificar uma identidade de gênero. Você erra pronomes ao tratar no masculino uma travesti, que acredito ser o seu caso. Não, o preconceito não está nos meus olhos, ele existe institucionalmente e socialmente, não é uma invenção particular minha, pode ter certeza. Toda vez que vc destrata e exotifica alguém trans* vc corrobora os discursos e práticas que se não as matam, as mutilam e as jogam na disforia e total vulnerabilidade social. Uma travesti com uma bandeira do corinthians significa mesma coisa que qualquer pessoa fazendo a mesma coisa. Se você não me explicar onde reside essa suposta diferença, pra mim não passa de uma exotificação.

Tiago, procura por esclarecimentos: Gente onde é que está o preconceito na frase? Foi apenas um momento de “eu realmente estou vendo isso?” ou vcs se deparam todos os dias com travestis bolivianas corintianas?

Camille: VoCÊ ERROU pronomes. ERRAR pronomes com pessoas trans é violência. VoCê quer tirar sarro de travesti. Isso é nojento. Vai ler um pouco sobre cissexismo, quem sabe vc consegue ver... incrível a falta de empatia ein...

Gente moralista são evangélicos/reacionários/médicos transfóbicos/gente cis scum que matam travestis, que olha só! por coincidência eles também erram os pronomes, que nem você... rrsr

Michael: Tiago, no caso, se eu to entendendo a sua intenção, foi fazer uma brincadeira ou coisa do tipo... mas né, isso é brincadeira ou “inocência” na mesma medida que falar que algum negro tem “alma branca”.[...] Se existe preconceito, não encherá-lo é uma das piores formas de violência que existem...

Mesmo com estes esclarecimentos de Camille e Michael, surgem comentários que ofensivos reduzem a questão a um simples erro com pronomes:

Arthur: q dramalhão, eu heim.. por causa do pronome só.. meu cu!!

Sandra: festival pasquale da correção política

Camille: Você tirar sarro de alguém trans* é colaborar com todas as formas de violência que elas sofrem. E posso te dizer que NÂO são poucas. Uma piada não é apenas uma piada. Pra

quem quiser se educar sobre a questão, links básicos de divulgação: <http://www.facebook.com/Transfem?fref=ts>¹⁹
<http://transfeminismo.com//?s=cissexismo&search=Ir>²⁰

Tiago: gente eu que criei o post, então quero dizer : Em nenhum momento quis polemizar , ou fazer chacotas, apenas entrei na onda do Corinthians e comentei um fato acontecido de maneira descontraída. mas pelo fato de ter errado na gramática acidentalmente gerou toda essa discussão. Camille eu não quis ofender você e nem ninguém com o meu comentário, e quero deixar claro aqui que admiro muito sua coragem de ser quem você realmente quis ser, de não ter medo de se assumir quem você é de verdade. nesse quesito eu sou um bosta, não tive a coragem de me assumir gay perante a minha família e você conseguiu se assumir quem você realmente é perante todos. Eu espero do fundo do meu coração que essa briga se encerre por aqui. Mesmo com esse celeuma todo, algo em mim mudou. Nunca tinha parado para pensar em como pode um transexual sofrer. Eu poderia excluir o post, mas quero deixá-lo aqui para que as outras pessoas possam entender um pouco mais sobre essas questões de gênero. Me desculpe se a minha falha gramatical te ofendeu, não queria que estivesse chego a isso.

Além de Arthur e Sandra surgem também outros membros que reduzem a questão, surgem comentários ofensivos e transfóbicos. A comparação com um simples drama vindo de Camille por causa de um pronome deixou muitos membros revoltados, alguns deixaram o grupo alegando ele ser “tão heteronormativo quanto o mundo real”. Publicações posteriores sugerem que membros do grupo que ofenderam Camille foram procurados na tentativa de esclarecimentos e desculpas, porém a maior parte dessas conversas foram feitas pessoalmente e por mensagens privadas, desta forma, não tive acesso a elas.

Quando Camille adverte que o preconceito existe institucionalmente ela esta lembrando Tiago e os demais no grupo que a nossa sociedade é binária quanto ao gênero, e as pessoas que não estão dentro dessa norma são mais vulneráveis. Nossa sociedade toma as demandas e necessidades por uma média, como se essa dissesse de do conjunto de todos e cada um individualmente, e a partir dessa construção de “pessoa ideal” define seus padrões, sem considerar a diversidade no interior dessa média.

Camille lembra-nos do discurso de ódio existente, e podemos relacioná-lo aos conceitos biopoder e de racismo de estado de Michel Foucault; biopoder, ou seja, o poder de controlar as populações, de controlar o “corpo-espécie” (LOURO, p.41, 1999); racismo de estado, é “a distinção daqueles que devem viver dos outros, que devem ser deixados para morrer – a raça ruim, o anormal, o deficiente, etc; que são exterminados por medidas eugênicas” (SOUZA, p.276, 2006).

Segundo os autores o racismo de estado nos faz crer que, quanto mais os anormais

¹⁹Link de página no Facebook que informa aqueles que seguem a página sobre notícias transfeministas

²⁰Página da internet que esclarece o que é transfeminismo.

forem corrigidos, evitados ou eliminados, mais as nossas vidas e as dos nossos filhos serão melhores, mais longas, mais saudáveis, mais aptas estarão para enfrentar os desafios de produção – de materiais e de novas vidas – para nós mesmos e para a sociedade em que vivemos.

O racismo vai permitir estabelecer, entre a minha vida e a morte do outro, uma relação que não é militar e guerreira de enfrentamento, mas uma relação do tipo biológico: “quanto mais espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu – não enquanto indivíduo, mais enquanto espécie viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar”. A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura. (FOUCAULT apud SOUZA, p.277, 2006).

Pode-se notar que a trans fica irritada com o discurso, isso se dá devido a invisibilidade que as trans, as lésbicas e bissexuais tem dentro do próprio movimento LGBT, dar muitas justificativas e explicar a própria existência é muito desgastante. A representação exotificada acusada por Camille pode se dar devido no discurso do jovem as travestis estarem num lugar muito distante, uma característica que não pertence a minha espécie (humana), mas quando Tiago afirma que “algo em mim mudou”, deixa claro o reconhecimento de novas representações do que as pessoas trans são para ele. O jovem se posiciona a reconhecer seus privilégios de uma pessoa cis e que a questão trans o tocou e merece estudo, admiração e legítima importância.

Capítulo 5

Considerações Finais



Figura 5.1: Comédia MTV, O lado bom de ser gay (2012)

Como podemos ver os LGBT no grupo analisado tem muitas representações das sexualidades, muitos aprenderam com a cultura o machismo, a homofobia, a transfobia, o sexismo, entre outros preconceitos; porém também se educaram neste espaço virtual,

que mediou a desconstrução de conceitos prejudiciais ao próprio grupo. Podemos notar também que a convivência com seus semelhantes reforçam suas identidades, uma das demonstrações disso é a linguagem usada para discutir com seus pares, são usados além do pajubá, muitos neologismos. O grupo LGBT é uma ambiguidade, e isso é muito saudável, pois no período analisado, muitos trocaram suas experiências e saberes, e se educaram.

No tempo analisado pude coletar representações ruins sobre a própria comunidade como por exemplo: que LGBT são anormais; que ser gay é desejo de fazer o “papel” de mulher, e que em casos extremos deseja-se ser mulher; que a homossexualidade tem as mesmas representações de um diagnóstico a ser confirmado; da bissexualidade como uma fase para se chegar a ter coragem de sair do armário; do gay bom como aquele que se comporta de modo a não incomodar a sociedade heteronormativa com sua homossexualidade.

No período podemos perceber que os próprios LGBT questionam seus direitos de desejar, escolher e ser. Podem enxergar outros LGBT como seres num lugar muito distante, com características que não pertencem a espécie deles (a humana), mas o convívio no grupo, há um reforço da identidade do grupo. Podemos nos questionar se preconceitos assimilados pelos próprios LGBT levariam a uma falta de identificação com seus semelhantes? Contudo podemos notar que eles podem não se identificar com os pares da sigla LGBT, mas com o contato passaram a integrar a diversidade como algo que constitui a todos.

As discussões sobre a Parada do Orgulho Gay me fizeram a refletir sobre a minha experiência no evento. A primeira até a última que pude ir, um período de dez anos, pude notar uma diferença no público que a frequenta. Neste período o evento cresceu muito, mas o que me chamou a atenção é o tipo de público. O Brasil passou nesse período pela regulamentação do casamento igualitário e uma maior inclusão de homossexuais nas novelas, porém a mídia retrata casais homoafetivos brancos e de classe alta, de uma maneira assexuada e com grande relutância se irá retratar o beijo. O que observo é que as paradas cresceram no número de negros, pardos, travestis e pessoas da periferia, pessoas que não são retratadas nas novelas, pessoas que eu acredito que terão suas vidas influenciadas muito mais por uma criminalização da homofobia do que por um casamento igualitário, acredito que a militância mudou e os militantes também. As representações coletadas sobre a parada que coletei são da atualidade, de uma atualidade onde a negros, travestis e a periferia são maioria na parada. Acredito que seria muito relevante fazer um estudo cruzando os dados das sexualidades com os de preconceito de raça e de classe, será que em uma parada mais “branca e rica” haveria as mesmas representações de uma parada “negra e pobre”?

Embora o debate sobre a diversidade sexual não tenha entrado para dentro dos portões das escolas, resguardado pelo Governo Federal, o trabalho mostra que os jovens universitários aprendem sobre sexualidades em outros espaços, eles aprendem e ensinam nas redes sociais. O Facebook demonstrou-se um interessante espaço de discussão política, uma piada ou uma dúvida, geram discussões sobre as experiências vividas na sociedade.

Houve demonstrações de agradecimento às informações e discussões do grupo para a construção das subjetividades. Exemplo em resposta ao debate sobre a necessidade de experimentar o gênero oposto para a confirmação da própria sexualidade:

gosto de fomentar discussões sadias, com pessoas belas e ele-

gantes, todas trabalhadas na argumentação consistente. Gente gostei da opinião de todos vcs, por elas fiz 2 observações: (1) sexualidade não é algo estático, há várias nuances q não podem ser observadas se restringirmos à homo, hetero e bi; (2) cada um busca aquilo que tem interesse, ou pelo menos, quer experimentar. Agradeço a todos pelo debate. Gabriel

Com as amostras foi possível notar que os LGBTs remetem a padrões heteronormativos para organizarem suas vidas, mas outros jovens interferem os questionando do porque não romper com a heteronormatividade, e geralmente há o retorno com agradecimentos pelos questionamentos e aprendizados. Os sujeitos, inicialmente questionam seus direitos de ser, desejar e escolher, fecharam-se dos caminhos e possibilidades de identidade por sofrerem discriminações. Porém, com a interação social no grupo ocorre o processo de desenvolvimento humano, que constitui e reforça a identidade do próprio grupo. Assim, o sujeito constrói seu entendimento sobre a sexualidade, numa relação dialética cada sujeito se constrói e reconstrói a partir do domínio do que foi socialmente construído.

Bibliografia

- [1] ALEXANDRINO, Ronaldo. **A suposta homossexualidade**. 2009. p. 213. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- [2] COUTINHO, Laerte. **Longe de mim ter preconceito, mas....** 2013. Disponível em: <<http://www.metro1.com.br/cartunista-laerte-rebate-comentario-de-danilo-gentili-atraves-de-cartoon-18-25247,noticia.html>>. Acesso em 15 de dezembro 2014.
- [3] GABRIEL, Alice. **Ecofeminismo e ecologias queer: uma apresentação**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 1, Apr. 2011
- [4] GRANDIN, Luciane Aparecida. **As representações sociais no processo de formação docente em serviço: um estudo com memórias de formação**. 2008. p. 113. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- [5] LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Cap. 1 e 2. Petrópolis: Vozes, 1999.
- [6] MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. In: Sociologias. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009. N.21 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>.
- [7] MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- [8] _____. **Representações sociais: investigação em Psicologia Social**. 2ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- [9] NUNES, Nadir Neves. **Conhecimento e conhecimento escolar: um estudo de representações sociais de professores**. 2010. p. 182. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- [10] O GLOBO. **Em 2012, 336 gays foram assassinados, diz levantamento**. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/em-2012-336-gays-foram-assassinados-diz-levantamento-7261708>> Acesso em 15 dez 2014.

- [11] PARADA SP. **Danilo Gentili minimiza dados sobre homofobia e ataca Jean Wyllys no Twitter.** 2013. Disponível em: <<http://www.paradasp.org.br/noticia/danilo-gentili-minimiza-dados-sobre-homofobia-e-ataca-jean-wyllys-no-twitter.html>> Acesso em 15 dez 2014.
- [12] PERELSON, Simone. **Da subversão do gênero à reinvenção da política.** *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, Jan. 2004 .
- [13] SALES, Shirlei Rezende, **.orkut.com.escola: currículos e ciborguização juvenil.** 2010. p. 230. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- [14] SOLIGO, Ângela F. **Juventude, direitos humanos e educação.** Conferência proferida no Fórum Social Mundial realizado em Belém, Pará. 2009.
- [15] SOUZA, Amélia Marques Pereira. **A homossexualidade na ótica da família.** 2009. p. 19. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Relatório de iniciação científica PIBIC. Campinas.
- [16] SOUZA, Regina Maria de. **Língua de sinais e escola: considerações a partir do texto de regulamentação da língua brasileira de sinais.** *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 266-281, jun. 2006.
- [17] SPINK, Mary Jane. The Concept of Social Representations in Social Psychology. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p 300-308, jul/set, 1993.